

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v11e22016181-186>

## APRESENTAÇÃO/PRESENTATION

### DOSSIÊ MIRÓ, POESIA (E/É) PINTURA

#### Organizadores:

Bairon Oswaldo Vélez Escallón

Bianca Tomaselli

Artur de Vargas Giorgi

O dossiê que apresentamos quer ser memória do Seminário homônimo que, em novembro de 2015, na Universidade Federal de Santa Catarina, comemorou a exposição *Joan Miró: a força da matéria*, organizada pelo MASC e pelo Instituto Tomie Ohtake, com curadoria de Paulo Miyada (Instituto Tomie Ohtake).

Esse Seminário – idealizado por integrantes do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC como um encontro acadêmico que pretendeu abordar tanto as linhas que guiaram e tensionaram a montagem da exposição quanto a obra do pintor catalão em sua relação com outras artes, singularmente a poesia – contou com a participação do próprio curador, da artista Raquel Stolf (UDESC) e dos pesquisadores Raúl Antelo (UFSC), Rosângela Cherem (UDESC) e Bairon Oswaldo Vélez Escallón (UFSC). A mediação foi feita por Bianca Tomaselli (UFSC) e por Artur de Vargas Giorgi (UNISUL).

Consistindo num encontro que não apenas celebrava um artista, mas a própria ocasião do debate e a possibilidade de remontagem do arquivo, o Seminário apresentou, de maneira geral, a co-incidência de pensamentos que impugnam, com seus fazeres, a autonomia dos campos do saber (poesia e pintura, a princípio), assim como resistem, enquanto *poéticas (informes)*, aos agenciamentos e compromissos das *políticas* (os formalismos e as cooptações do *informalismo*, do *cubismo*, do *surrealismo*, etc.) e das *histórias* (tantas vezes resignadas à não-contemporaneidade diante do que, enquanto leitores, não pode deixar de ser o *nosso contemporâneo*, mesmo na sua inelutável distância temporal).

Essas afinidades, é claro, estavam já anunciadas no título da mostra, em que o significante *força* – e não *forma* – se justapunha e qualificava, por assim dizer, a materialidade trabalhada por Joan Miró. Ou seja, menos que a “forma da matéria”, isto é, seu acabamento enquanto obra ou seu fechamento enquanto campo, o que interessava, tanto à exposição quanto ao encontro, era dar a ver as possibilidades do processo contingencial e não teleológico do fazer artístico, com o qual se pode compor e decompor, de distintas maneiras, o *sensível*.

Arcaico a seu modo, Miró parece sempre comprometido na busca, por assim dizer, de uma linha intempestiva, a cada vez originária, que de certo modo se apresenta com a potência de um *phármakon*. Não por acaso, é no desenho primitivo, na garatuja

infantil e no caligrama japonês que se encontram algumas das afinidades dessa pintura com arranjos que poderíamos chamar de *constelacionais* ou, com palavras de Brancusi, “o céu, a poesia e seus arremessos”. Isso, por outra parte, comporta afinidades com um pensamento que, *grosso modo*, pode ser chamado “oriental” e que privilegiaria uma produtiva interrogação das ambivalências entre linguagem e silêncio, espaço e vazio; algo que Michel Leiris, em texto de 1929 sobre Miró, aproxima, por analogia, das práticas de *compreensão do vazio* dos ascetas tibetanos, assim como, diríamos agora, com vocabulário bataillano, aproxima-se de vários artistas contemporâneos que exercitam, cada um a seu modo, a potência do *informe*, entre eles John Cage, León Ferrari, Mira Schendel, Nuno Ramos, Lygia Clark, entre outros.

Com esses pressupostos em vista, esta memória se compõe de quatro ensaios que, assim acreditamos, recolhem os interesses até aqui mencionados, ensaios que apresentamos brevemente nas linhas que sequegem.

Em “Miró e a iminência do não-poder”, Raúl Antelo rearma os ensaios de Carl Einstein a respeito do pintor catalão. Aí, via Miró, sobressai a tentativa do autor de *Negerplastik* de precisar “uma mitologia atual, viva, fundada em aspectos temáticos e formais do cubismo, contribuindo assim para uma expressão figurativa daquelas forças da ação criativa que irrompem, ora a partir das camadas espirituais arcaicas, ora daquilo que esteve sepulto até o presente”. A “alucinação, a metamorfose, o primitivismo” são, assim, “princípios estéticos capitais”, com os quais Einstein delineia um Miró de uma “simplicidade pré-histórica” que nos conduziria – reforça Antelo – a uma contemporaneidade cada vez mais arcaica.

Bairon Oswaldo Vélez Escallón, por sua vez, retoma esse anacronismo em “Contemporaneidade e composição: João Cabral de Melo Neto escreve Joan Miró”. Quem sabe, poderíamos dizer, à luz do ensaio de 1949 que o poeta pernambucano dedica à pintura de Miró, que aí Cabral também *se* escreve: *João, Joan*. Como escutaremos no ensaio, é a composição, enquanto procedimento, o que franqueia a elaboração da poesia e da pintura, ou melhor, a elaboração de um fazer sempre singular-plural como “potência anacrônica da imaginação”; potência essa que se expõe por meio de uma *montagem* “de vozes e temporalidades heterogêneas”. Rigorosamente situada, tal montagem, neste caso, faz-se ouvir, sobretudo, como leitura a contrapelo de um projeto civilizacional catastrófico.

Raquel Stolf elaborou especialmente para este dossiê uma escritura singular, alheia aos rigores do artigo científico, feita a partir de sua apresentação-performance no seminário. Os *extratos* agora apresentados em “Areia movediça, [sala de escuta], Fundo do ar” procuram tensionar uma linguagem áudio-verbo-visual, atravessada por traços de silêncio, com a qual a artista e pesquisadora investiga situações de escrita, leitura e escuta, assim como as relações, modulações, ressonâncias e dissonâncias entre o sonoro e o acústico. Ao compor os extratos, Raquel Stolf faz reverberar, no interior do método, regras e situações por ela instauradas, tocadas pela plenitude do vazio, imagem que pulsa nos trabalhos de Miró e de outros artistas já mencionados, como John Cage e Lygia Clark – imagem do movimento no estático, da manifestação de uma vida vibrátil, *patológica*.

Finalmente, convidamos a professora e pesquisadora Susana Scramim, que vem desenvolvendo pesquisas sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, eminente interlocutor do pintor catalão trabalhado neste dossiê. Inicialmente convidada para o Seminário, mas não podendo comparecer por motivos de trabalho, Susana Scramim nos fez chegar seu ensaio “Considerações extemporâneas: Joan Miró, João Cabral e Murilo Mendes”, em que aborda o diálogo entre esses poetas/pintores sob o pressuposto de que é possível entrever a relação entre a obra de um artista e a modernidade nas considerações que ele escreve a respeito de questões de sua “atualidade”. Se o que caracteriza essa relação com o presente é a extemporaneidade – pela coexistência de espaços e tempos díspares, não apaziguados nem organizados de modo meramente antagonico –, o *ex(é)ks*-temporâneo pode ser um índice de sobrevivência: espécie de ponto de vista estranho à época e aos valores nela dominantes, capaz, por isso, de suscitar uma relação crítica e distanciada, mesmo desde uma submersão em seu cotidiano.

\*\*\*

Em ensaio recente, Andrea Giunta propõe a questão: *Quando começa a arte contemporânea?* A resposta não é simples, sem dúvida, na medida em que passa, a cada vez, por um encontro faltoso com o próprio tempo presente. “Desde o paradigma da modernidade, entende-se que a arte progride”, afirma a autora, com o propósito declarado de situar a arte contemporânea não historicamente, em termos estritamente cronológicos, mas sim a partir de uma emergência da crise da modernidade e da crítica da suposta evolução que a arte moderna postularia. Diante da suspensão das teleologias, cada trabalho, cada procedimento deve ter seu papel protagônico, não tributário de filiações e contextos dados *a priori*. “Trata-se de entender sua intervenção, o momento específico que inauguram. Situarmo-nos no território da obra mesma permite também constituir um arquivo: aquele que, mediante a descrição (um relato), compartilhamos [...] e que serve de ponto de partida para a interpretação sobre a qual se avança”. Com Miró, e pouco evoluídos, avançamos, assim, no contemporâneo; com sua pintura e sua poesia podemos constituir um arquivo crítico do moderno, à escuta do que ecoa, demora e difere, agora, desde Lascaux, ou ainda antes, ou depois.

Que estejamos dispostos à escuta, então.

## DOSSIER MIRÓ, POETRY (AND/IS) PAINTING

In the dossier **Miró, poetry (and/is) painting**, the editors Bairon Oswaldo Vélez Escallón, Bianca Tomaselli and Artur de Vargas Giorgi present four essays about different aspects of Joan Miró works, situating his poetics in the constitution of a critical archive of the modern. The essays by Raúl Antelo, Susana Scramim, Bairon Vélez and Raquel Stolf are proposed as a memory of the *Seminar Miró, poesia (e/é) pintura* that happened, in November 2015, at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), together with the exposition *Joan Miró: a força da matéria*, organized by the Museu de Arte de Santa Catarina (MASC) and the Instituto Tomie Ohtake, with the curatorship by Paulo Miyada (Instituto Tomie Ohtake).

## ARTIGOS

Na seção livre, a professora Ana Porrúa, da Universidad Nacional de Mar del Plata, apresenta parte de sua investigação sobre vozes políticas na poesia latino-americana. O artigo **“La voz impropia: poesía y política”** mostra, a partir dos cantos de Pablo Neruda, Leónidas Lamborghini e Enrique Lihn, um ponto de vista sonoro em sua temporalidade histórica que pode tanto funcionar como filtro, “como tímpano que silencia las otras voces bajo el peso de las metáforas que hacen pie en la naturaleza”, quanto como “superficie perforada por donde la voz de los otros se filtra”.

**Para a revisão do “psicologismo”**, de Roberto Goto, questiona a validade do juízo acerca do “psicologismo” que caracterizaria a poética de Mário de Andrade. Enquanto em **“Ficção e realidade ou literatura e sociedade: limiares”**, Tiago Breunig relaciona a noção de Peter Sloterdijk, segundo a qual o humanismo naufraga como escola de formação humana por meio da literatura, com o conceito de literatura proposto no Brasil por Antonio Candido.

Luiza de Aguiar Borges e Marcos José Müller discutem, em **“O atlas de Godard: uma leitura epicicloidal”**, a metodologia godardiana de leitura da arte em *The old place* (2000) a partir do conceito de montagem de Aby Warburg, relacionando-a à noção de epicicloide cunhada por Araripe Júnior. Luciane Alves Santos e Maria Alice Ribeiro Gabriel analisam algumas histórias de fantasmas elaboradas por Gilberto Freyre e Jayme Griz, em **“Dos engenhos aos sobrados: memórias e ficções em Gilberto Freyre e Jayme Griz”**. Entre testemunhos orais e relatos de fonte documental, eles descrevem, por diferentes vias, as memórias de um mundo situado no nordeste brasileiro, em transição entre os séculos XIX e XX.

Em **“Poéticas para uma micropolítica institucional”**, Paola Zordan problematiza as instâncias de poder sobre a vida e o corpo nos cruzamentos entre arte e educação “através de proposições poéticas que versam sobre as amarras institucionais, o produtivismo acadêmico e suas submissões”, pensando “a constituição de um *studium* que possibilite a criação de um *spatium qorpo* pautado pela liberdade intelectual”.

## ARTICLES

In the open section, professor Ana Porrúa, from Universidad Nacional de Mar del Plata, presents part of her research about political voices in Latin American poetry. The article **“La voz impropia: poesía y política”** presents, from a reading of Pablo Neruda, Leónidas Lamborghini and Enrique Lihn poems, a point of view in historical temporality that can both function as a filter, “an eardrum that silences the other voices under the weight of metaphors sustained in nature”, and as “a perforated surface filtering through the voice of the others”.

**Para uma revisão do “psicologismo”**, by Roberto Goto, discusses the validity of the idea about the “psychologism” that would characterize the Mário de Andrade’s poetical theory. In the paper **“Ficção e realidade ou literatura e sociedade: limiares”**, Tiago Breunig relates Peter Sloterdijk’s statement - according to which humanism fails as a school of human development through literature - with the concept of literature proposed in Brazil by Antonio Candido.

In “**O atlas de Godard: uma leitura epicicloidal**”, Luiza de Aguiar Borges and Marcos José Müller discuss Godard's method of reading the arts in the film *The old place* (2000). The authors compare Godard's method with Aby Warburg's concept of assembly, relating it with the notion of “epicicloide” coined by Araripe Júnior.

Luciane Alves Santos and Maria Alice Ribeiro Gabriel analyze some ghost tales by Gilberto Freyre and Jayme Griz, in “**Dos engenhos aos sobrados: memórias e ficções em Gilberto Freyre e Jayme Griz**”. Using oral testimonies and documental narratives, Freyre and Griz describe, in different ways, the memories of a world in the passage from the 19th to the 20th centuries, in Brazilian Northeast.

In “**Poéticas para uma micropolítica institucional**”, Paola Zordan problematizes the instances of power over life and body in the intersections of arts and education “through poetic propositions that discuss the institutional bonds, the academic productivity and its submissions”, reflecting “the establishment of *studium* that enables the creation of *spatium qorpo* marked by intellectual freedom”.

## ENTREVISTA

A **Entrevista** desta edição, “**Carlos Ríos, um artista sanitário**”, traz uma conversa entre o pesquisador e tradutor Antonio Carlos Santos e o escritor argentino. O autor de *Manigua* e *O artista sanitário*, ambos lançados no Brasil neste semestre, conta um pouco sobre seu processo de escrita, suas referências insólitas, a relação entre ética e literatura, sua temporada no México e a volta à Argentina.

## INTERVIEW

This edition **Interview** - “**Carlos Ríos, o artista sanitário**” - is a chat between the scholar and translator Antonio Carlos Santos and the writer Carlos Ríos. The author of *Manigua* and *O artista sanitário*, both published this semester in Brazil, talks about his writing process, his unusual references, the relation of ethics and literature, his season in Mexico and the return to Argentina.

## TRADUÇÃO

A *Revista Crítica Cultural* apresenta ainda uma tradução de Ana Carolina Cernicchiaro para a conferência “**Etnicidade: identidade e diferença**”, de Stuart Hall, pronunciada em 1989 no Hampshire College, Amherst Massachusetts, e publicada na extinta revista estadunidense *Radical America*. Hall analisa os grandes descentramentos teóricos e críticos, mas também sociais e culturais da identidade na modernidade e na contemporaneidade, propondo uma nova maneira de pensar a etnicidade e a identidade, local e globalmente, a partir da diferença e da alteridade, em oposição às grandes e velhas etnicidades essencialistas ligadas ao poder.

## TRANSLATION

The *Revista Crítica Cultural* presents Ana Carolina Cernicchiaro's translation of Stuart Hall's lecture “**Ethnicity: identity and difference**”, delivered at Hampshire College, Amherst Massachusetts, in 1989, and published in *Radical America*. Hall analyzes the great theoretical and conceptual de-centerings of identity, but also social and cultural de-centerings of identity, in modernity and contemporaneity, proposing a new way of thinking ethnicity and identity, locally and globally, considering difference and otherness, as opposed to the great old essentialist ethnicities that are coupling to power.

**Ana Carolina Cernicchiaro**

**Antonio Carlos Santos**

**Artur de Vargas Giorgi**

**Editores**



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.